



Vestibular para quem usa fralda

■ Competição na escola japonesa começa no berço

SONNI EFRON
Los Angeles Times

TÓQUIO — Duas vezes por semana, Ko vai ao cursinho a fim de se preparar para o duro exame vestibular que terá de fazer no próximo ano. Chega para as aulas com a minúscula mochila onde estão seus lápis, lanche e uma fralda. Afinal, Ko tem só dois anos.

O supercompetitivo sistema de "exames infernais" do Japão está tragando crianças cada vez mais novas, gerando uma nova indústria de cursos preparatórios para ajudar quase bebês a passarem no vestibular para os jardins de infância e as escolas primárias de elite.

Em Tóquio, cerca de 150 cursos preparatórios oferecem seus serviços a alunos em idade pré-escolar, que são adestrados nas estratégias de solução de testes, necessárias para conquistarem um lugar nessa corrida, onde a relação é de 10 candidatos por vaga.

Estas são algumas das lições que aprendem: cores e formas dos objetos e cantigas de roda; e lições de boas maneiras do tipo como sentar-se com as mãos corretamente pousadas sobre as

coxas e nunca pegar mais de um biscoito.

Dicas — Os cursinhos também treinam as mães dos bebês para que se saiam bem na vital entrevista com os pais. As dicas: usar um conjunto conservador e discreto, azul-marinho, blusa branca, saltos baixos e nada de jóias vistosas. Uma bolsa Chanel cai bem em jardins de infância liberais como o Aoyama Gakuin, mas uma bolsa preta discreta, sem marca de grife famosa, é a esperada em instituições respeitáveis como Denenchofu Futaba, que tem entre os ex-alunos a princesa consorte, mulher do futuro imperador japonês.

Mães que trabalham não são bem vistas e seus filhos têm menos probabilidade de serem aceitos pelas escolas da elite. Mesmo as mães donas de casas são encorajadas a ficarem à vontade durante a entrevista, mencionando o prazer que têm em preparar comidinhas especiais para o filho.

"É muito difícil, mas do modo como agora andam as coisas no Japão, não se pode evitar", diz Toshiko Hayashi, cuja filha, Risa, foi recusada pelo jardim de infância de sua escolha e terá de tentar novamente no próximo outono.

Risa vem frequentando um dos melhores cursos preparatórios de Tóquio, desde que tem um ano e meio de idade. A mensalidade é de US\$ 730, para

duas manhãs por semana. Por quanto tempo mais ela continuará no curso? "Até ser aprovada", responde a mãe.

Como a maioria das tendências japonesas, os cursinhos preparatórios para bebês nasceram em Tóquio, mas se espalharam para Osaka e outras cidades menores. Uma pesquisa do Banco Tokai, realizada em 1996 em Tóquio e Nagoya, constatou que 26% das crianças em idade pré-escolar frequentavam cursinhos ou faziam cursos por correspondência. As famílias pagam em média US\$ 124 mensais.

Pais que frequentaram cursinhos para conseguir entrar em bons colégios ou faculdades estão matriculando seus bebês, apesar de os educadores advertirem que aulas particulares intensivas são desnecessárias e possivelmente prejudiciais. Alguns jardins de infância e escolas primárias de elite também protestam contra os cursinhos para bebês, mesmo quando admitem seus ex-alunos.

Os pais chamam os cursinhos de um "mal necessário na sociedade de educação" do Japão, onde sempre se achou que os formados por um punhado de universidades de elite vêm há décadas monopolizando os melhores empregos, os salários mais altos e o mais profundo respeito.

Diploma — O rígido siste-

ma tem afrouxado um pouco e educadores afirmam que um diploma da Universidade de Tóquio, conhecida como *Todai*, não mais garantirá sucesso no século 21. O primeiro-ministro Ryutaro Hashimoto tem apontado a educação como uma das seis áreas que necessitam urgentemente de reforma estrutural. Mas até mesmo as autoridades do Ministério da Educação acham que a mudança vai demorar, e milhões de pais angustiados continuam convencidos de que um diploma da *Todai* é o melhor passaporte para seus filhos terem um futuro brilhante.

Embora terrivelmente darwiniano, o sistema educacional do Japão é há muito tempo elogiado como uma verdadeira meritocracia. Garotos pobres das províncias podem deixar para trás os filhos de magnatas, se conseguirem passar no vestibular da *Todai*.

Mas agora os críticos dizem que a proliferação de cursinhos preparatórios está tornando mais difícil para as crianças de famílias de baixa renda o ingresso na elite educacional. "O Japão aparenta ser um dos países mais igualitários do mundo, mas não é", diz Toshiyuki Shiomi, professor da *Todai*. Quanto mais ricos os pais, mais eles investirão nos cursinhos para ajudar os filhos a entrarem em uma escola de elite que lhe facilitará o ingresso nas boas universidades.